

PSICOLOGIA ESCOLAR E ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO:
ROMPENDO PARADIGMAS

PSYCHOLOGY SCHOOL AND HIGH SKILLS / GIFTEDNESS: RETHINKING

Jennypher Rodrigues Aguiar

RESUMO:

A superdotação ainda é um tema perpassado pelo imaginário do senso comum e muitas vezes tido como um tema mítico. Diante disso, e da realidade brasileira no que tange as altas habilidades, buscou-se desenvolver nesse trabalho uma conceitualização das altas habilidades/superdotação, no intuito de desmistificar algumas ideias comumente associadas ao tema e que acabam por prejudicar o processo de atendimento e avaliação desses indivíduos, bem como a promoção da educação inclusiva. Como resultado, destaca-se o despreparo dos profissionais (gestores, corpo docente e muitas vezes psicólogos, e outros que atuam junto a esses indivíduos) em favorecer o desenvolvimento de talentos, em incluir esses alunos nas aulas regulares e em atuar na luta a favor do rompimento de paradigmas relacionados ao tema.

Palavra-chave: Psicologia Escolar; Altas habilidades/superdotação; mitos.

ABSTRACT:

The giftedness is still a theme permeated the imaginary common sense and often seen as a mythical theme. Given this, and the Brazilian reality regarding the high skills, we sought to develop this work a conceptualization of high abilities / giftedness, in order to clarify some commonly associated ideas to the topic and end up harming the process of care and evaluation of these individuals, and the promotion of inclusive education. As a result, there is the unpreparedness of the professionals (administrators, faculty, and often psychologists, and others who work with these individuals), to foster the development of talent, to include these students in regular classes and work in the fight for the breaking of paradigms related to the topic.

Key words: school psychology ; high abilities / giftedness ; myths.

INTRODUÇÃO

Indivíduos superdotados existem desde os primórdios da humanidade. Na idade média eram tidos como “homens-anjo”, cuja capacidade superior era tida como um presente dos céus. Isso despertava admiração por terem recebido uma dádiva dos céus, segundo a crença da época, e por outro lado eram perseguidos pelos que os tinham como loucos e feiticeiros (ALENCAR, 2001 *apud* TOZATO, 2011).

E foi “só a partir do século XIX, com o surgimento das ciências humanas, mais especificamente a psicologia, que o estudo da superdotação ganhou status de cientificidade” (ANTIPOFF, 1992 *apud* TOZATO, 2011, p. 14).

Ainda existe uma ideia equivocada acerca do que de fato são as altas habilidades/superdotação (AH/SD). Superdotados são gênios? Autodidatas? Prodígios? Precoces? Superinteligentes? Para o senso comum indivíduos superdotados são “super-heróis, superperfeitos, supercomportados, superisolados, superestranhos, supercriativos, superinventores, supercientistas, superestimulados, superpoderosos, super bem sucedidos, superativos, hiperativos” (PÉREZ, 2013, p. 15). Na verdade, superdotados são apenas indivíduos diferentes, que possuem uma (ou mais) habilidade superior em alguma área do conhecimento humano, mas que acabam muitas vezes sendo tidos como doentes e/ou anormais.

O intuito ao dizer “são apenas” não é de menosprezar o tema ou os indivíduos portadores de AH/SD e sim evidenciar o caráter humano desses indivíduos, os quais apesar das diferenças e de sua habilidade elevada em alguma (s) área (s) do conhecimento humano merecem ser respeitados tanto quanto as outras pessoas tidas como “normais”. Ou como diz Pérez (2013, p. 18) em geral, as pessoas não compreendem que uma pessoa com AH/SD não é nem melhor nem pior que as demais; não é doente e nem precisa ser curada; é apenas diferente. Mas diferente como, por quê? Diferente na forma de pensar, agir e sentir perante diferentes situações, mas não em todas nem em tudo o que faz.

Esse termo “diferente” soa como algo pejorativo, o que dificulta a identificação desses indivíduos. Uma vez que estes “aprenderam desde criança que ‘somos todos iguais’ e ser diferente é um pecado” (PÉREZ, 2013, p. 16). E, por se encontrarem em um dos extremos (deficiência – normalidade – superdotação) acabam por sofrer, em algumas situações, de rotulações, zombarias, violência moral e/ou até violência física, haja vista casos de ocorrência crescente de *bullying*.

No caso da superdotação o que ocorre é que ser dedicado, ágil, com boas notas, enfim, um aluno/indivíduo de destaque acaba por suscitar, por vezes, nos relacionamentos interpessoais – com colegas de sala, com colegas de outras séries, com alguns professores – situações que podem repercutir de forma negativa na vida desses indivíduos, o que pode ser agravado caso não haja suporte emocional (que seja um professor que percebe e se preocupa, que estimule, que entenda a situação, que entenda que cada aluno tem um ritmo de aprendizado e que todos esses ritmos devem ser respeitados e abrangidos ao se elaborar a forma de se trabalhar com turma, etc.).

Segundo Alencar; Fleith (2005)

no Brasil, os superdotados constituem um grupo que é pouco compreendido e negligenciado. Há poucos programas direcionados para atender suas necessidades e favorecer o seu desenvolvimento [...] Observa-se inclusive resistência à implementação de um atendimento diferenciado ao superdotado, fruto de uma série de ideias falsas sobre o mesmo (p.2).

E, segundo o Ministério da Educação (MEC, 1999)

é preciso que o país comece a trabalhar seus recursos humanos, definindo políticas e promovendo a formação de uma geração que irá sustentar o desenvolvimento de uma cultura, educação, ciência, tecnologia e recursos humanos. Não estarão em jogo só estratégias e técnicas, mas estarão fluindo, dos próprios seres humanos, os novos caminhos, os modelos, as novas fontes, os novos conhecimentos, enfim, o poder humano de criação e renovação (*apud* METTRAU; REIS, 2007, p. 491).

CONCEITUALIZAÇÃO DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Dentre os conceitos existentes acerca do tema altas habilidades/superdotação destaca-se o do Conselho Nacional de Educação (CNE, 1999), em que superdotados são tidos como indivíduos que possuem uma ou mais habilidade (s) exacerbada, considerando as áreas do conhecimento humano.

Enfim, características como desempenho acima da média, potencial, precocidade, talento, autodidatas, inteligência, facilidade de aprender, raciocínio rápido e outras são as mais associadas ao tema. Mas, como foi dito anteriormente, o que existe são

indicativos que ajudam a refletir sobre os comportamentos/indicadores e características apresentadas por pessoas com AH/SD e/ou tentativas de explicar o alto funcionamento do intelecto humano em uma ou mais áreas específicas (CAMARGO; FREITAS, 2013, p. 32).

Não existe assim um conceito que seja o correto e sim vários conceitos que são aplicáveis para se conceitualizar as AH/SD.

Ideias imagéticas do senso comum: mitos

O senso comum acaba apresentando uma ideia errônea e estereotipada sobre os indivíduos com AH/SD. A própria ausência de um conceito específico abre margem para que as AH/SD sejam confundidas com outros conceitos que podem estar presentes na superdotação, mas que não se resumem a ela. Além da confusão entre os conceitos há também ideias imagéticas que não condizem com o que de fato são as AH/SD.

Quanto aos mitos, um dos equívocos é a ideia de que indivíduos superdotados têm

em seu âmago competências suficientes para desenvolver suas habilidades, configurando-se, assim, a não necessidade de lhe propiciar um ambiente propício em termos de enriquecimento pedagógico diferenciado, apoio e oportunidades, dadas as suas condições distintas no tocante à inteligência e à criatividade (SANTOS; PERIPOLLI, 2011, p 10).

Como se eles não precisassem de apoio e auxílio para realizarem atividades, aprender e/ou desenvolver seu potencial. Como se todos os superdotados soubessem o suficiente para não precisarem da ajuda de outras pessoas para nada e em nenhum momento.

Outra ideia incoerente é a de que eles apresentam desempenho superior em todas as áreas e a de que seu desempenho acadêmico/escolar também é excelente. Renzulli, em sua teoria, aborda que a superdotação pode se dar em áreas gerais de desempenho e em áreas específicas. As habilidades gerais referem-se a “capacidade de processar informações, de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptáveis a novas situações, e de se engajar em pensamento abstrato” (REZULLI, 2005 *apud* VIRGOLIM, 2014, p. 584) e as específicas à aplicação das habilidades gerais de forma especializada, combinada ou isoladamente (VIRGOLIM, 2014). Quanto ao desempenho acadêmico/escolar, vários superdotados podem apresentar um rendimento abaixo da média ou inclusive abaixo do que se espera dele enquanto potencial de desempenho. Isso pode ocorrer por vários motivos, desde a desmotivação, a falta de programas que promovam o desenvolvimento do potencial (como adequação do currículo, por exemplo), a falta de estimulação adequada, a falta de identificação ou até mesmo a negligência por parte da escola, professores e a própria família (SANTOS; PERIPOLLI, 2011).

Alguns docentes inclusive entendem que as indagações que alunos superdotados fazem durante as aulas são na verdade uma forma de menosprezá-los e desmerecê-los frente aos colegas ou até uma forma de se engrandecerem por saberem demais. Na verdade, os superdotados fazem isso, como disse Veiga (2015, p. 12), “não para desestabilizar ou expor o docente, e sim porque existe uma curiosidade intelectual natural”, é porque aquela matéria está ou pode estar relacionada à área em que aquele aluno apresenta superdotação.

DISCUSSÃO

Se a lei não é cumprida ou apenas cumprida parcialmente, os direitos não são garantidos e tem-se assim uma realidade recortada de situações de negligência, exclusão e discriminação frente às diferenças. Um dos aspectos que corroboram essa discrepância entre o que se tem determinado por leis e o que se tem na prática é o fato de que mesmo estando previsto em leis, alguns programas e métodos para serem inseridos nas escolas precisam ser aprovados pelas mesmas, já que a decisão da inserção e aplicação desses programas cabe aos gestores da escola. Ou seja, a escola decide se o aluno será ou não acelerado ou submetido ao programa de enriquecimento escolar, mesmo sendo estes direitos garantidos por lei. E como foi apresentado nos capítulos anteriores às escolas – gestores, corpo docente e demais profissionais que atuam no contexto escolar – ainda não estão preparadas para lidar com as AH/SD, favorecer seus talentos e promover uma EI.

Os perigos de tal realidade são muitos. E, se o psicólogo não está preparado para atuar nas escolas, e em específico com os indivíduos com AH/SD, como, pois poderão auxiliar no processo de formação do corpo docente? No desenvolvimento de talentos? No processo de identificação, diagnóstico, atendimento e acompanhamento desses indivíduos?

Discutir-se-á aqui também sobre os benefícios de se romper com os paradigmas e o quanto a população brasileira pode crescer e ser beneficiada através do desenvolvimento de uma política social e educacional interna que atenda às necessidades dos indivíduos superdotados.

Quem ganha com tudo isso? Somente os superdotados? Há quem pense assim. Contudo, os benefícios adquiridos por meio do desenvolvimento de talentos em indivíduos superdotados pode beneficiar a toda a sociedade na qual este indivíduo faz parte. Uma vez que quando se fala em AH/SD fala-se de potencial humano. Potencial este que pode trazer frutos para toda a sociedade caso sejam desenvolvidos. Se um indivíduo possui altas habilidades na área da inteligência naturalista combinada à inteligência lógico-matemática e este possui os recursos de que necessita para aperfeiçoar e desenvolver seu potencial humano, ele pode acabar desenvolvendo algum programa/método/instrumento/técnica que seja aplicada ao problema da falta de água no país, por exemplo. Sendo, não só ele beneficiado por ter os recursos que necessita a sua disposição, como também toda a sociedade que pode usufruir de seus produtos na resolução de problemas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostra que a questão da negligência aos superdotados deve ser vista de forma abrangente e contextualizada e não apenas individualizada ou como apenas mais um problema educacional, porque assim perde-se de vista a complexidade da situação e o benefício social que pode ser adquirido através do favorecimento de talentos em indivíduos superdotados.

A superdotação é algo real, não se pode ignorar algo assim. É preciso investir em pesquisas, cursos capacitantes para os profissionais que lidam com esses indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. A atenção ao aluno que se destaca por um potencial superior. *Revista do Centro de Educação*, n. 27, 2005. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/4346>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB 4/2009*. Diário Oficial da União, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rce_b004_09.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.

CAMARGO, R. G.; FREITAS, S. N. Altas habilidades/superdotação por estudantes com altas habilidades/superdotação. *Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaconbrasd.org/wp/wpcontent/uploads/2013/12/RevistaConBraSD1.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2015.

METTRAU, M. B.; REIS, H. M. M. S. Políticas públicas: altas habilidades/superdotação e a literatura especializada no contexto da educação especial/inclusiva. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 489-510, out./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n57/a03v5715.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

PÉREZ, S. G. P. B. Pessoas com altas habilidades – superdotação? superdotados? *Revista Psicosol*, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p. 15-22, out., 2013. Disponível em: <<http://www.psicosol.com/produto/e-gratis-revista-psicosol-segunda-edicao/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

SANTOS, S. C.; PERIPOLLI, A. Altas habilidades/superdotação: clarificando concepções e (re) significando ideias imagéticas do senso comum. *Revista Artíficos*, Belém, v. 1, n. 2, p. 1-22, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/a%20silvio%20santos.pdf>>. Acesso em: 16 maio. 2015.

TOZATO, M. R. *Osalunoscomaltashabilidades/superdotação: uma proposta de atendimento*. Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3242/1/2011_MarcelaRubiaTozato.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

VEIGA, E. C. CRP-PR conversa com Elizabeth Carvalho da Veiga: entrevista [2015]. Curitiba, *Revista Contato*. Entrevista concedida ao Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR). Disponível em: <<http://www.portal.crprr.org.br/revistas /137.p df>>. Acesso em: 16 maio 2015.

VIRGOLIM, A. M. R. A contribuição dos instrumentos de investigação de Joseph Renzulli para a identificação de estudantes com altas habilidades/superdotação. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 581-610, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/14281/pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.